



GT 75. Retomadas e re-existências indígenas e negras

Coordenador(es):

Cauê Fraga Machado (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sandro José da Silva (UFES - Universidade Federal do Espírito Santo)

Sessão 1

Debatedor/a: João Daniel Dorneles Ramos (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 2

Debatedor/a: Luiza Dias Flores (UFAM - Universidade Federal do Amazonas)

Sessão 3

Debatedor/a: Sonia Regina Lourenço (Universidade Federal de Mato Grosso)

A antropologia vem tradicionalmente tratando territorialidades negras, quilombolas e indígenas – especialmente do Nordeste – nas chaves analíticas da invenção da tradição, da etnogênese, da fricção interétnica, da reminiscência e da plasticidade identitária. Esses conceitos, além de estarem, na maioria das vezes, atrelados a relação desses coletivos com o Estado-nação, privilegiam apenas as relações políticas entre agentes humanos. Etnografias mais contemporâneas, vêm apresentando dados nos quais categorias nativas como as de retomada e resistência – não apenas como reagente, mas como re-existir – territorial e existencial, quando tomadas como conceitos descrevem diferentes vínculos entre actantes dos mais diversos modos de existência. Esses entes produzem reflexões cosmopolíticas e modos de agir com (ou contra) o Estado-nação de modos antes insuspeitos. Não pela via da memória ou da prova, mas pela cosmologia e relacionalidade estendida a todos existentes, recupera-se algo dado como perdido, inexistente. São “identidades” e territorialidades que sempre existiram, mas estavam aguardando momento propício para se realizar, retomando terras, práticas, contato com seres, objetos, linguagens sem que essas nunca tenham sido perdidas de fato. Nesse GT, privilegiaremos trabalhos etnográficos e reflexões teóricas acerca desse novo cenário no qual indígenas e coletivos negros reclamam sua existência.

?Tudo Cariri! Tem Cariri pra danar aí?: Apreendendo narrativas da retomada étnica dos Kariri de Poço Dantas na cidade Crato-CE.

Autoria: Miscilane Costa Silva (UFCEG - Universidade Federal de Campina Grande)

O presente work tem por objetivo realizar um estudo acerca dos processos de retomada étnica vivenciados por um conjunto de famílias que se reconhecem como indígenas e grupo étnico dos Kariri e que residem em Sítio Poço Dantas, zona rural da cidade de Crato-Ceará, uma localidade pequena que abriga a uma média de 19 residências familiares. No ano de 2007 o grupo emerge como um dos mais recentes grupos nordestinos a se afirmarem como indígenas e a localidade em que residem ganha destaque nos meios de comunicação radiofônicos e impressos como lugar de morada do único grupo indígena da região do Cariri cearense afluindo a questão sobre a persistência da população indígena em uma região que, embora tenha herdado seu nome da etnia Kariri, Região do Cariri, a ideia da existência deste grupo étnico aparecia apenas como uma referência histórica de um passado sem presente. Ciente de que os processos de retomada étnica, vivenciados por diferentes grupos indígenas do estado do Ceará, tem se dado por meio de um movimento de articulação e subjetivação coletiva em que a experiência vivida, de constituição de identidades, está intimamente ligada a uma nova percepção dos sujeitos sobre si que é possibilitada pelos seus trânsitos e pela atuação de diversos atores que aparecem como mobilizadores e agenciadores desse processo, o que



proponho é realizar, lançando luz de uma mirada etnográfica, uma investigação acerca desse processo de produção e experimentação de uma narrativa sobre si diante de um movimento que coloca em interação: suas vivências cotidianas, os habitantes de Poço Dantas com outros atores; a produção de documentos e relatos (cartas, laudos, pesquisas acadêmicas) que desempenham função performativa sobre a realidade kariri; a circulação de pessoas no território dos Kariri e, por conseguinte, de Kariris por outros lugares, como eventos acadêmico-universitários, encontros com outras etnias e reivindicação públicas.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: